ficha 89

Ano IV — Lisboa, Outubro de 1948 — N.º 42

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

EM VEZ DE ARMAS...



O conde Folke Bernadotte, tão cruelmente assassinado em 17 de Setembro passado, pertencia à família real sueca e não foi ele próprio rei daquela nação em virtude de um casamento morganático feito por um dos seus ascendentes. Bernadotte era Presidente da Cruz Vermelha Sueca e, no desempenho de tal cargo, realizou durante a última guerra, com excepcional dedicação, uma obra de grande valor humanitário, arrancamento aos tristemente célebres campos de concentração muitos milhares de prisioneiros e minorando o sofrimento de muitos outros. No intuito de conseguir a Paz estabeleceu repetidos contactos com os governos dos países em guerra.

Presentemente, com um invulgar espírito de abnegação, prosseguia na sua missão de Paz, servindo de dianeiro da ONU no conflito da Palestina, afrontantando corajosamente perigos evidentes que vieram interromper abruptamente a sua obra, perante o protesto e indignação do mundo.

Bernadotte era escoteiro activo. A sua vida foi mesmo uma real exemplificação do ideal escotista. Era Chefe-Geral dos Escoteiros Suecos e Presidente do Conselho Internacional de Escotismo. Na gravura acima vê-se o Conde Bernadotte ladeado por um escoteiro sueco e pelo Eng.º Sr. Brotas Cardoso, Chefe da Delegação Portuguesa ao «Jamboree» de Moisson, França, fotografia tirada naquela grande concentração escotista após um chá que a Delegação Sueca ofereceu aos Chefes dos Contingentes Estrangeiros.

Por motivo do falecimento do Conde Bernadotte a Direcção dos Escoteiros de Portugal ordenou luto até ao dia do funeral e acaba de o condecorar, em homenagem póstuma, com a Medalha de Abnegação, Classe Ouro, medalha que só pode ser concedida a escoteiros que executem actos de abnegação com risco da própria vida. Certamente que Bernadotte bem a mereceu. A medalha será entregue ao Sr. Ministro da Suécia numa cerimónia que se realizará brevemente.

* * *

Os Escoteiros de confissão evangélica promovem no domingo, dia 17 do corrente, às 11 horas, no Templo da Igreja Evangélica Lusitana de S. Paulo à rua das Janelas Verdes, um serviço religioso em memória do Conde Bernadotte, ao qual assistirá o Sr. Ministro da Suécia, o Sr. Embaixador de Inglaterra e outros representantes diplomáticos, sendo orador o Rev. Sr. Eduardo Moreira, antigo dirigente escotista.

Tombou, em terras da Palestina, o Conde Folke Bernadotte, vítima dum atentado de tão miseráveis características que as palavras não chegam para traduzir a nossa revolta contra assassinos que não podem sequer buscar atenuante na defesa dum justo ideal ameaçado.

Para além da mágoa que sentem, ao ver cair um companheiro de cujo exemplo e trabalho tanto se recebera e tanto se esperava, os Escoteiros de Portugal querem afirmar o seu indignado protesto perante um acto que bem traduz a baixeza moral de indivíduos que renegam, desprezam e destroem os mais altos valores do espírito humano.

Não importa a que raça, agrupamento ou partido pertençam; os assassinos de Bernadotte estão condenados, perante os homens e perante Deus, pelo crime infame que cometeram.

Atacar um homem que desempenhava a missão sagrada de medianeiro num conflito a que era completamente estranho; abater a tiro quem, em vez de armas, usava o símbolo humanitário da Cruz Vermelha; destruir o representante da esperança numa solução pacífica que poupasse vidas e valores espirituais, não pode ter explicação fora do plano duma premeditada actividade de bandidos que visam aniquilar o que ainda resta de valioso e digno no património moral dos povos.

Bernadotte era um símbolo e o seu grito de combate, lançado como título do último livro que escreveu, — EM VEZ DE ARMAS — tornara-se num apelo e numa divisa de acção que se oferecia à consciência da gente de boa vontade.

Tudo possuía este homem para que a vida lhe permitisse os benefícios duma existência tranquila e despida de dificuldades. Não necessitava de fortuna pessoal porque a recebera dos antepassados; não carecia de prestígio ou posição social porque tudo herdara com um nome dos mais nobres da sua terra; não lhe faltava a felicidade dum lar, com o carinho da esposa e a alegria dos filhos. Nenhuma ambição humana, de vaidade ou riqueza, podia, portanto, fazer-se sentir nas suas atitudes.

E, no entanto, tudo abandonou, tudo sacrificou para desempenhar missões da maior dificuldade e do maior risco, ao serviço dos mais altos ideais ou da felicidade de pobres vítimas das lutas e impiedade dos homens.

Sob a ameaça dos bomdardeamentos não faltou nos campos de concentração alemães a minorar a angústia de prisioneiros e perseguidos, obtendo a liberdade de milhares de infelizes que, ao abrigo da Cruz Vermelha Sueca, encontraram o caminho de uma nova e menos infeliz existência; debaixo do risco das balas dos guerrilheiros esteve na Grécia a combater a fome e a miséria que destruía lares e ameaçava criaturas sem defesa; suportando a incompreensão das paixões desencadeadas, procurou, nos últimos dias da resistência alemã, encontrar uma plataforma de acordo que teria permitido impedir que a guerra se convertesse numa carnificina vingativa e evitaria para a Europa muitos problemas que a ameaçam; correndo riscos — que vieram a roubar-lhe a vida — aceitou desempenhar na Palestina um encargo que só as suas qualidades e o seu valor moral tornaram possível que não fosse um insucesso ante os ódios, intransigências e interesses ocultos que se lhe depararam.

Bernadotte, usando em vez de armas a generosidade do seu espírito desinteressado, foi verdadeiramente cavaleiro andante da Paz, do entendimento entre os homens, num mundo em que apenas o mais forte ou mais audacioso parece ter direito a sobreviver.

(Continua na 2.ª página)

MENSAGEM DE

Lorde Rowallan, Escoteiro-Chefe Geral do Reino Unido e Império Britânico para os Escoteiros de Portugal

No acto da entrega da Medalha de Mérito Escotista, Classe Ouro, com que os Escoteiros de Portugal agraciaram a Associação dos Escoteiros Britânicos, por ocasião do 10.º aniversário da sua fundação, Lorde Rowallan entregou à delegação portuguesa a seguinte expressiva mensagem:

THE BOY SCOUTS ASSOCIATION

INCORPORATED BY ROYAL CHARTER
PATRON: HIS MAJESTY THE KING
PRESIDENT: H.R.H. THE DUKE OF GLOUCESTER, K.G.
CHIEF SCOUT: THE LORD ROWALLAN, M.C., T.D.
FOUNDER: THE LORD BADEN-POWELL of GILWELL.

Telephones: Victoria 6005 (6 lines)
Telegrams: Scoutcraft, London
Code: Bentley's Complete Phrase

In reply please address
The General Secretary
and quote

IMPERIAL HEADQUARTERS
25, BUCKINGHAM PALACE ROAD,
LONDON, S.W.1.

Good Scouting always to our
Brother Scouts in Portugal.
May Scouting bind our two countries
ever more firmly together.
Rowallan Chief Scout
British Commonwealth
and Empire. 29th July 1948

Sempre melhor Escotismo para os nossos Irmãos Escoteiros em Portugal.

Possa o Escotismo ligar, cada vez mais firmemente, os nossos dois países.

Lorde Rowallan Escoteiro-Chefe Geral do Reino Unido e Império

29 de Julho de 1948

EM VEZ DE ARMAS...

(Conclusão da 1.ª página)

Caindo em frente das balas criminosas quando, apesar das ameaças recebidas, persistia em cumprir a sua missão de medianeiro, sem a segurança que lhe teria sido fácil obter duma escolta armada, Bernadotte, ficou como exemplo raro de coragem e de heroísmo consciente.

O seu sacrifício não foi inútil.

A nós Escoteiros, que tanto nos orgulhamos de o haver tido como companheiro de ideal nesta cruzada que há muito aceitámos iniciar, veio apontar-nos o caminho que nos importa percorrer — sem transigências, sem hesitações, sem desfalecimentos — contra a onda de subversão do carácter e das mais nobres qualidades que podem dignificar o homem, onda que tudo ameaça destruir.

Já sabíamos qual o caminho que nos importava percorrer, aceitando todos os sacrifícios e desprezando todas as comodidades.

O exemplo de Bernadotte veio, porém, aumentar a nossa firmeza de rumo e veio exigir, com o seu sangue inocente, que sejamos dignos de realizar a tarefa de formação das consciências a que metemos ombros e que dia a dia se torna mais premente.

Em vez de armas procuremos, como Bernadotte, usar a força da nossa doutrina e da nossa acção enquanto isso nos seja possível, mas não esqueçamos que nos importa estar prontos para servir, mesmo pelas armas, os interesses da Pátria e da Civilização em que vivemos, quando isso se torne necessário.

Entre dois mundos que se enfrentem — o dos assassinos de Bernadotte e o dos ideais da vítima inocente — havemos de saber encontrar a posição que, como Escoteiros, nos pertence.

Essa será a melhor homenagem ao herói que tombou, servindo a Paz e usando, em vez de armas, o altruísmo da sua alma de Escoteiro.

JORGE PEREIRA JARDIM
PRESIDENTE DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

Um brado de além-atlântico

SERÁ ESCOTISMO?

Escotismo é, sem dúvida, cooperação, espírito de sacrifício, boa vontade, enfim qualidades que talvez ultrapassem o preceito bíblico de «Amai o vosso próximo, como a vós mesmos». E esse espírito de boa vontade, de união, de cooperação, vencendo ressentimentos possíveis e pontos de vista antagónigos, sente-se na criação de órgãos dirigentes escoteiros, nas nações que possuem mais de uma entidade escoteira reconhecida, como a melhor prova do valor do escotismo e de sua aplicação prática por aqueles que o abraçam, por maiores que sejam os óbices ou obstáculos a transpor.

A 1.ª Conferência Interamericana de Escotismo, realizada em Bogotá (Venezuela), entre suas conclusões, aprovou a unificação de nomes e designações escoteiras, lemas e cargos, para toda a América de idioma espanhol. E na melhor prova do seu espírito escoteiro, da boa vontade que faz milagres, as organizações dirigentes do Movimento Escoteiro, em nações diferentes, não obstante os longos anos dos seus nomes e designações escoteiras, lemas e cargos, atendendo ao apelo feito, estão modificando-os para o padrão adoptado, inclusive a Lei e Promessa escoteiras. Que magnífico exemplo de escotismo, da aplicação de seus princípios e métodos!

A par disso, nós podemos ver, com tristeza, que uma entidade portuguesa, ainda que dentro dos seus direitos e prerrogativas, pois cada um manda em sua casa, aprovar a alteração até de seus ramos escoteiros, dando-lhes novas designações, completamente diferentes dos Escoteiros de Portugal e do Brasil, parecendo querer fazer uma obra sua, diferente das outras, que só pode cavar novas barreiras e proporcionar maiores confusões ao público e autoridades e, acima de tudo, desmentir ou negar os princípios escoteiros que a 1.ª Conferência Interamericana de Escotismo defendeu e as entidades escoteiras estão aplicando, não obstante pertencerem a nações independentes, bem compreendendo a alta lição que esta unificação a todos proporciona e a sua grande influência para o futuro do escotismo. Esperemos, porém, que em futuro não muito remoto, em Portugal volte a haver um organismo que congregue a direcção geral do Movimento Escoteiro, e seja feita uma unificação de nomes, designações, lemas e cargos, pois que com tal orientação, todos — e com eles a Causa Escoteira — aproveitarão.

DAVID M. DE BARROS
Delegado do «Sempre Pronto» no Brasil e Dirigente do Escotismo Brasileiro

PALESTRAS COM UM GUIA

Em face do interesse dispensado pelos Escoteiros aos artigos que sob este título vimos publicando, o nosso colaborador "Ojo de Lince" resolve prosseguir nas suas amenas e interessantes palestras com um Guia.

VIII

UNIFORMIDADE

Há uns dias, vi passar a tua Patrulha, mochila ao ombro, a caminho do campo. Quase formáveis um conjunto perfeito, e vossos rostos reflectiam saúde e alegria. Porém, para os olhos de um Velho Lobo, faltava-vos alguma coisa... ou, dizendo melhor, sobrava-vos algo. Sobrava-vos coisas raras nos vossos uniformes.

O Uniforme Escotista é algo que nos caracteriza em todo o mundo, algo tão pessoal e tão nosso, que parece que sem vestir as suas prendas nos falta alguma coisa. Ah! amigo, se tu soubesses o que o uniforme representa para aqueles que não podem vesti-lo! O nosso uniforme é bonito, airoso e prático. Porém, fixa bem que digo UNIFORME, não uma colecção de peças caprichosas que convertem uma Patrulha numa quadrilha de «snobs».

Desiludiste-me um pouco no outro dia. Jorge mostrava umas formosas meias de desporto com quadrados vermelhos e azuis, e uma enorme faca lhe pendia de uma correia, quase à altura do joelho. Pedro tinha vestido uma camisola de lã verde sobre a sua camisa escotista, e o chapéu do Romão tinha as abas excessivamente onduladas para ser de um Escoteiro. E porque é que o Luís não levava chapéu?

Terás pensado alguma vez no que representa o nosso uniforme? Eu o compreendi muito bem há anos, um dia, em que vestindo o uniforme escotista, me acerquei dum lugar onde um voraz incêndio estava destruindo um edifício. Os bombeiros trabalhavam denodadamente, enquanto a polícia, acorrendo ao local do sinistro, continha a multidão de curiosos. Abri caminho até ao cordão de polícias, que não se opuseram à minha passagem, e cheguei até ao Chefe dos Bombeiros a pôr-me à sua disposição, no cumprimento do meu dever de ser útil. O uniforme escotista foi a chave que me abriu o caminho e me proporcionou oportunidade de fazer uma boa acção, porque tanto a Polícia como os Bombeiros sabiam que, qualquer que vestisse esse trajo, era um rapaz útil, voluntário e bem preparado, pelo que não tiveram inconveniente em aceitar os meus serviços.

O nosso uniforme inspira confiança àqueles que conhecem o nosso Movimento, porém, serve também para que por ele, por esse sinal externo da Associação, nos julguem as pessoas que nada sabem do Escotismo. Tais pessoas, que são uma grande parte do país, nos considerariam uma horda de esfarrapados se vissem um Grupo de Escoteiros vestidos cada um à sua maneira, sujos e desastrados. Nada impede que debaixo de um uniforme estrambólico se oculte um bom Escoteiro (o que duvido), porém as pessoas nos julgarão pelo estrambólico e não pela qualidade do que vai dentro. E como nós não queremos nem devemos deixar uma má impressão à nossa passagem, temos que cuidar de que o uniforme seja UNIFORME e nada mais.

Tu tens, como Guia, que cuidar da uniformidade e asseio da tua Patrulha. Não precisas para isso de passar uma revista sisuda e severa aos teus companheiros formados rìgidamente. Basta se, como julgo, fores um bom observador, que os examines à medida que vão chegando ao ponto de reunião, e os corrijas amigàvelmente dos seus defeitos ou extravagâncias de uniformidade.

Todos, absolutamente todos, tendes que cumprir o que a este respeito marca o Regulamento, não levando, portanto, nem mais nem menos peças ou insígnias do que ele manda para cada caso. E mais, creio que nenhum Escoteiro deve resumir-se a cumprir passivamente as disposições, senão que tem de colocar no uniforme tudo quanto possa para dar vida ao disposto; por exemplo, supondo que o Regulamento não especificasse a cor das meias, isso não seria desculpa para que um as levasse verdes, outro amarelas e o outro às riscas. Por-vos-eis todos de acordo, e com prévio conselho do Instrutor comprá-las-eis da mesma cor.

E uma última coisa relacionada com o aspecto dos Escoteiros. Desde há anos existe a boa tendência no Escotismo Mundial de suprimir as facas de mato e os machados de cinto do uniforme. Alguns países proíbem o seu uso para os menores de certa idade, e não permitem trazê-los na cidade. A tendência é para levá-los sempre dentro da mochila, para utilizá-los no campo.

Verdadeiramente um rapaz de 14 anos, com uma grande faca ao cinto, produz uma impressão um tanto ridícula. Irá à caça do leão? E quando nós verificamos que a faca é utilizada para aparar a ponta de um lápis, rimo-nos do nosso escoteiro.

Por isso porque não guardais as facas e os machados? Alegrar-me-ia ver-vos no próximo domingo «uniformizados» e «desarmados».

ENRIQUE GENOVÉS
OJO DE LINCE

ATENÇÃO! DAQUI ALGARVE

Grupo n.º 60 — Vila Real de Santo António

A despedida do Chefe Manuel Tacão Monteiro

O Grupo n.º 60 levou a efeito nos dias 21 e 22 de Novembro p. p., na praia desta Vila, um acampamento destinado a reunir no ambiente mais próprio do Escoteiro, o ar livre, todos os elementos do seu efectivo. O Chefe Tacão ia partir para Lisboa, para fixar residência na capital e nenhum local melhor do que aquele poderia ser encontrado para apresentação das suas despedidas. Várias e agradáveis surpresas tiveram lugar: a presença do Sr. João Trigueiros, Delegado dos Serviços Centrais, e a larga representação dos Grupos 6 e 77, que não quiseram de forma alguma deixar de associar-se ao momento, demonstrando assim a estima e consideração que lhes merecia quem homegeavam.

Na pequena cerimónia, que teve lugar no dia 22, pelas 11,30 horas, usou da palavra o Chefe do 60. Em termos repassados de comoção falou sobre os bons e maus momentos que o Grupo lhe proporcionara, durante o largo tempo da sua chefia, ao bom contacto da Natureza e do ambiente escotista. Fez votos sinceros pela continuidade e progresso do 60, apresentando depois as suas despedidas.

Falou a seguir o Instrutor José Manuel Pereira, indicado para substituir o Chefe Tacão Monteiro, que declarou aceitar de bom grado a incumbência, desejoso de não ver extinta na sua terra a chama do ideal escotista. O Chefe Marcelino, do 77, fez votos pelas prosperidades do Chefe cessante, na nova vida que ia enfrentar, enaltecendo as suas qualidades de camarada e dirigente.

Falou por último o Sr. João Trigueiros, que fez, com a elegância e clareza que lhe são peculiares, o elogio das altas qualidades do Chefe Manuel Tacão Monteiro, dizendo quanto esperava da sua actividade escotista em Lisboa. A seguir deu posse provisória ao novo Chefe e ao Sub-Chefe João Leiria Raganha Pereira.

Actividades

O Grupo levou a efeito, nos dias 28 e 29 do mês de Agosto p. p., um acampamento na Praia da Manta Rota, que coincidiu com o dia de S. João Baptista, em que, de longínquos povoados, se deslocam ali as famílias do campo para tomar banho. A praia oferecia o aspecto de uma povoação em dia de feira, pelo movimento e abundância de barracas para venda de bebidas, sendo a nota pitoresca do dia o vestuário multiforme dos banhistas, justificado por ser o único dia de banho de mar em todo o ano. Trabalhou-se um pouco na preparação moral e prática dos escoteiros presentes.

—Em 12 de Setembro, o 60 e a D. A. F. deslocaram-se a Tavira para tomar parte no II Acampamento Regional do Algarve ali realizado sob a orientação do Sr. João Trigueiros, Chefe Regional. A Divisão Auxiliar Feminina retirou para Vila Real na noite do mesmo dia, depois de ter desfilado com a sua congénere de Olhão e com os Grupos 6, 59, 60 e 77, pelas ruas da cidade. O 60 assistiu ao fogo de conselho, retirando na manhã do dia seguinte.

—Para comemoração do III aniversário da D. A. F. desta Vila foi proposta a realização de um sarau escotista na sala nobre da Capitania do Porto, em 25 do corrente. A efectuar-se o sarau, será também realizado um acampamento no dia imediato, com a colaboração de todos os Grupos algarvios, que desfilarão na tarde pelas ruas da Vila em jornada de propaganda escotista.

LOBO ALGARVIO

O Escotismo na Capital

Região Centro

Para desempenhar a função de Escoteiro-Chefe Adjunto da Região Centro foi nomeado o nosso amigo Sr. João Madeira Leitão.

Sabemos que este novo dirigente regional vai dedicar a sua actividade à Divisão Lobito, divisão que já chefiou há anos passados, quando, por volta de 1938, a mesma foi reorganizada. Desejamos o maior sucesso à sua nova actividade.

GRUPO N.º 53

Na sede deste Grupo realizou-se no dia 6 do corrente uma simpática festa. Aproveitando a oportunidade da passagem do aniversário do Chefe do 53, o nosso amigo Sr. Armando Lino, os escoteiros quiseram manifestar a sua gratidão pela amizade, carinho e zelo que o seu Chefe lhes dedica e dedica ao Grupo.

De surpresa organizaram uma festa íntima na qual todos compareceram uniformizados e para a qual convidaram o Presidente do Grupo, Sr. Rev. Pinto Ribeiro; o médico do Grupo e Antigo-Escoteiro Sr. Dr. Leopoldo de Figueiredo e sua Esposa; o Chefe Regional, Sr. António Calhau; o antigo Chefe do Grupo Sr. H. de Azevedo, o Sr. Faustino Leitão e o Director do nosso jornal.

O Escoteiro Sénior José Ferreira usou da palavra e, em nome de todos os escoteiros, traçou o elogio do Chefe Lino como Chefe e Irmão mais velho e pôs em merecido destaque o seu trabalho na chefia do Grupo.

No mesmo sentido falou o Guia da Patrulha Infante D. Henrique, Rui Ferreira, que entregou ao Chefe Lino uma moldura como lembrança do seu aniversário. Foi-lhe ainda entregue um artístico álbum de fotografias como lembrança de todos os escoteiros.

Os Srs. Calhau, Rev. Pinto Ribeiro, Dr. Leopoldo Figueiredo e Azevedo, usaram da palavra afirmando a justiça da homenagem prestada e encarecendo o espírito de camaradagem e amizade existente no 53, de que aquela reunião era prova segura.

O Chefe Lino, muito sensibilizado, agradeceu a manifestação de amizade dos escoteiros e dos amigos presentes.

O «*Sempre Pronto*», que tem verificado o trabalho perseverante e a dedicação do Chefe Lino aos seus escoteiros, ao seu Grupo e, duma maneira geral, o tudo que seja de interesse para o Escotismo, deseja acompanhar o gesto simpático dos rapazes do 53 e desejar-lhe longa vida e muito sucesso na sua obra escotista.

Acampamento

Em comemoração do 35.º aniversário da A. E. P., a Região Centro efectuou um acampamento na Paiã, no qual estiveram presentes perto de 150 escoteiros dos Grupos 2, 5, 9, 53, 85 e 99. A Região Norte fez-se representar pelo seu Chefe Regional e mais três escoteiros.

De tarde o acampamento foi visitado pelo Sr. Presidente da A. E. P., acompanhado de outros membros da Direcção, que passou revista ao campo e proferiu algumas palavras sobre a data comemorada.

• • o • •

IMPRENSA ESCOTISTA

BOLETIM INFORMATIVO DA U. E. B.

A Secretaria de Publicidade da União dos Escoteiros do Brasil iniciou, em Julho último, a publicação impressa do seu Boletim Informativo, sob a direcção do dedicado Chefe Sr. Major Leo Borges Fortes.

O Boletim apresenta-se com agradável aspecto gráfico e boa colaboração. Não só lhe desejamos longa vida, mas desejamos que ele se desenvolva e progrida a bem do Escotismo Brasileiro.

Gestos desordenados, esgares e sons guturais ou devaneios de um campista

Os nossos leitores estarão recordados do que dissemos num dos últimos números do nosso jornal acerca de um artigo que um elemento campista escreveu no nosso estimado colega «*Campismo*». Feito o esclarecimento da posição dos escoteiros e dirigentes que representaram Portugal no «Jamboree» de Moisson, o assunto para nós não tem mais interesse e se voltamos a ele é para que o nosso amigo campista não julgue que ocultamos dos nossos leitores a *grande* razão que justifica as suas afirmações tão categóricas sobre os *guinchos e caretas* com que os escoteiros se entendiam no «Jamboree».

É que o articulista do «*Campismo*», julgando *meter uma lança em África*, encabeça a sua réplica com a transcrição dum trecho que nos informa ter lido no «*Scouting*», órgão da *Boy Scouts of America*, e no qual um tal escoteiro-chefe Jean Bell diz: «Jamborando *is the name Scouts gave the new language born at Moisson. It consists of one part each arm and leg motions. It was fun drifting into a group to see what the boys were saying*».

Dissemos que o nosso companheiro no amor ao ar livre se tinha entregue à fantasia. Ao que se replica: — *Poderá ser-se fantasista sem inspiração?* — Não resta dúvida, foi curta a inspiração para tão larga fantasia!

Depois, procurando aparentar um conhecimento de cujo fundamento duvidamos, afirma a nossa *ignorância absoluta sobre o que se escreveu no «Jornal do Campo» do Jamboree e nas revistas da especialidade.* É preciso ousadia! Pois na nossa redacção tem o *inspirado* articulista ao seu dispor a colecção do «Jornal de Campo», muitas dezenas de recortes e jornais da especialidade e sem ser da especialidade, para se entreter a colher melhores informações do «Jamboree» e à procura da tal palavra *Jamborando*, com ou sem grafia portuguesa, para depois se convencer que ela surgiu no cérebro de Mr. Bell, na América, e encontrou eco sòmente na pena do Sr. Cunha do Clube de Campismo de Lisboa. Quanto a nós, não só já os lemos, mas, como estivemos no «Jamboree», não precisamos de curar por informações.

Mas o nosso amigo campista está convencido de que duas pessoas, que não conheçam uma língua comum, só se conseguem fazer entender por *gestos ridículos e desordenados, esgares, entremeados de gritos mais ou menos guturais.* Se é esta a sua definição de mímica, e afirma a sua boa intenção e admiração pelo movimento escotista, para que nos havemos nós de zangar? Pode ser que para o ano, na sua viagem a França, que desejamos seja feliz e cheia de sucesso, mude de opinião.

Entretanto sempre lhe contamos esta anedota recortada do jornal de campo: — «Estavam dois escoteiros, um francês e outro inglês, conversando animadamente por mímica. Nisto surge um escoteiro «Z», ou seja um prestável intérprete, que oferece os seus serviços. Mas os dois rapazes prosseguem com toda a facilidade na conversa. Eram mudos». E nós acrescentaremos: Entendiam-se *por esgares e gestos desordenados.*

EDUARDO RIBEIRO

Os Escoteiros de Portugal

concedem a Medalha de Mérito Escotista, Ouro, ao

Corpo Nacional de Escutas

Pelo Boletim Oficial dos Escoteiros de Portugal foi publicado o seguinte despacho:

Comemora o «Corpo Nacional de Escutas», no decurso do presente ano, o XXV o aniversário da sua fundação e recordam-se, neste momento, os valiosos serviços prestados à causa da formação educativa da Juventude Portuguesa, dentro dos mais altos e nobres ideais, através deste já longo período de construtivo labor.

Os Escoteiros de Portugal desejam, nesta oportunidade, renovar a afirmação da simpatia e carinho com que acompanham a actividade da Associação Irmã e dar público testemunho do seu apreço pela capacidade escotista evidenciada e pelos serviços notáveis que o Movimento fica devendo à sua actuação; nestas condições, em nome da Direcção, concedo a MEDALHA DE MÉRITO ESCOTISTA — Classe Ouro — ao «Corpo Nacional de Escutas». — Lisboa, 15 de Agosto de 1948. Ano XXXV dos Escoteiros de Portugal. — O Presidente: *Jorge Pereira Jardim.*

• • o • •

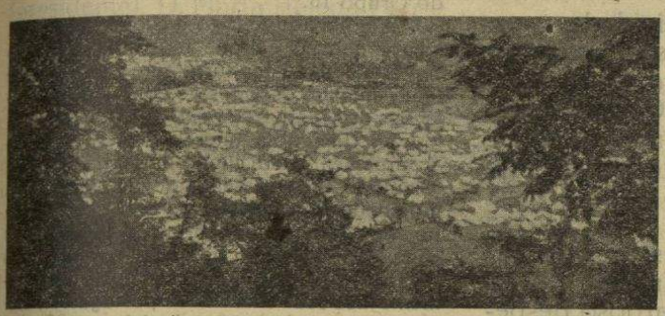
Exposição de Fotografias Escotistas

O prazo da entrega das fotografias para a Exposição que o Grupo n.º 5 está organizando termina no próximo dia 30 de Novembro. A exposição conta já com a colaboração do Departamento de Propaganda e Divulgação e de 14 grupos de diversas regiões do país, pelo que está assegurado o seu êxito.

UMA ENTREVISTA

«Posso informar que se realizará em Portugal a III Reunião dos Comissários Internacionais» — afirmou-nos o E. C. Eng.º Jorge Brotas Cardoso, ao regressar da reunião de Kandersteg.

Conforme noticiámos no nosso penúltimo número, realizou-se em Kandersteg, na Suíça, uma reunião de Comissários Internacionais, de 28 a 31 de Julho p. p., onde estiveram representados os seguintes países: Arménia, Áustria, Brasil, Checoslováquia, Cuba, Dinamarca, E. U. da América, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Grécia, Holanda, Itália, Liechtenstein, Luxemburgo, Noruega, Paquistão, Portugal, Suécia e Suíça.



Uma vista de um dos campos do Acampamento Nacional Suíço

Consideramos do maior interesse dar a conhecer aos nossos prezados leitores algumas das ideias agitadas naquela conferência, decerto de grande importância para os destinos do Escotismo, e, portanto, procurámos o delegado de Portugal nessa reunião, o Escoteiro-Chefe Geral Sr. Eng.º Jorge Brotas Cardoso que, solicitamente, se colocou à nossa disposição para qualquer esclarecimento. Na conversa que encetámos, o Sr. Eng.º Brotas Cardoso começou por elucidar-nos:

—Esta reunião foi a primeira de uma série a realizar anualmente entre delegados das Associações Escotistas. A verdadeira finalidade destas reuniões consiste na troca de impressões entre os delegados e apresentação de propostas para serem debatidas nas Conferências Internacionais, durante os «Jamborees» e «Rover-Moots», e nalgumas decisões de pequena importância.

—Soubemos que levava instruções para sugerir que a próxima reunião se efectuasse em Portugal, — interrompemos. — Pode dizer-nos se fomos bem sucedidos na nossa pretensão?

—Há uma pequena rectificação a fazer a essa asserção. Realmente, tinha indicações para fazer esse convite, contudo não para a próxima reunião que se efectuará na Noruega, mas sim para a terceira, que se realizará em 1950, em virtude de estar determinado que nos anos de realização de «Jamborees» ou «Rover-Moots» estas reuniões se efectuem nos países que organizarem estas actividades.

«Posso informar que os nossos desejos tiveram o melhor acolhimento de todos os delegados; a nossa proposta foi aceita unânimemente, estando, todavia, sujeita a confirmação na Conferência do próximo ano, pois, como lhe disse, nestas reuniões não são tomadas deliberações de certa importância.

—E pode dizer-nos, Sr. Engenheiro, alguns dos outros assuntos apreciados? — perguntámos interessados.

—Com a melhor vontade — prontificou-se o Sr. Eng.º Cardoso. — Entre os de maior importância, posso informar que foi estudada a atitude que as nossas associações devem tomar nas relações com outras organizações juvenis extra-escotistas. Quase todos opinaram que o melhor caminho a seguir era o de uma boa colaboração e entendimento e até, se possível, conseguir elementos de ligação com essas organizações.

«Também se chegou à conclusão que era muito vantajoso que os Comissários Internacionais fizessem parte das Associações Nacionais, ao contrário do que acontece nalguns países.

—Não foi focado qualquer outro problema que tenha para nós um interesse especial? — perguntámos.

O Sr. Eng.º Cardoso apresta-se imediatamente a responder:

—Foi por nós descrita a situação dos antigos escoteiros espanhóis. Consideramos bastante agradável observar a simpatia com que todos os delegados apreciaram as enormes dificuldades com que os nossos irmãos espanhóis lutam para conservar acesa a chama do Escotismo nesta nação irmã.

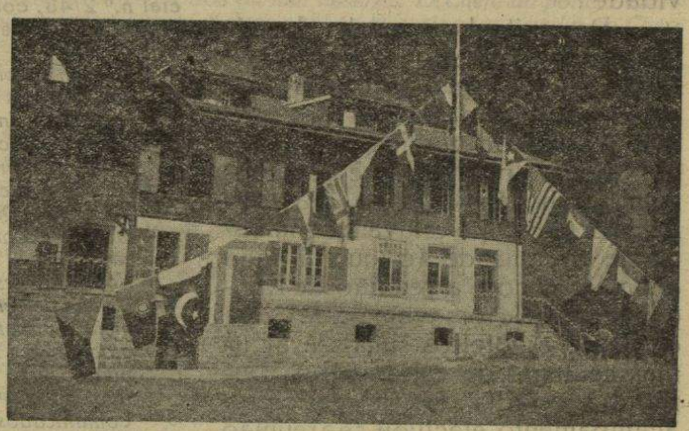
«Outro problema que interessa a todos nós em geral, é o facto de ter sido acordado em princípio que as associações fiscalizem a correspondência trocada entre os seus grupos e escoteiros e os de outras nações. Esteve pois em discussão o chamado PAN-PAL (troca de correspondência entre Grupos e Escoteiros de nacionalidades diferentes).

—A correspondência passaria a ser trocada sempre por intermédio das associações? — perguntámos admirados.

—Não é bem isso, — esclareceu o nosso Chefe Geral. — As associações terão a seu cargo informarem-se junto das associações dos outros países, se determinada pessoa que deseja intercâmbio com um escoteiro seu filiado, é ou não, por seu turno, pertencente a essa associação. Assim evitar-se-á que um indivíduo se apresente como escoteiro sem realmente o ser, o que poderia vir a causar algum dano.

—Quer dizer, — interrompemos — as associações encarregam-se de «apresentar» os escoteiros, não é verdade?

—É isso mesmo — concordou o nosso interlocutor. — No entanto, só no próximo ano, na Noruega, se tomará uma decisão definitiva.



O chalé de Kandersteg, onde se realizaram algumas das sessões da I Reunião de Comissários Internacionais, com as bandeiras das nações representadas

Também se discutiu o LINKING-UP-SCAEME (intercâmbio de Grupos de nacionalidades diferentes) e o POW-WOW (reunião de escoteiros de diversas nacionalidades, para exibição de canções, jogos, etc., de preferência ao ar livre).

(Conclui na 6.ª página)

UMA ENTREVISTA

(Conclusão da 5.ª página)

«Nesta reunião foi ainda apreciada a situação do Escotismo nos países da Europa Oriental, o que deu aso a manifestações de pesar pelos transes por que estão passando os nossos irmãos naqueles países.

«O coronel Wilson expôs a situação em que se encontra o Bureau Internacional, que se apresenta difícil. Os delegados presentes prometeram estudar com as suas associações os auxílios a prestar àquele organismo.

«O delegado norueguês fez uma descrição pormenorizada do que vai ser o próximo «Rover-Moot» e indicou num mapa o local onde o mesmo se realizará, informando ainda que brevemente serão fornecidas às associações todas as informações necessárias.

«O delegado francês falou sobre a UNESCO aconselhando o estabelecimento de relações entre este organismo e o Escotismo. Evocou o facto do Presidente da Associação Escotista de Cuba ser o Tesoureiro da UNESCO e focou várias vantagens nas relações propostas.

«O delegado do E. U. da América fez uma exposição bastante circunstanciada da maneira como os escoteiros do seu país conseguem fundos para o Escotismo, que, diga-se de passagem, reputamos muito interessante e curiosa.

Agradecemos todos os esclarecimentos que o Sr. Eng.º Cardoso amàvelmente nos prestou e perguntámos ainda:

—Tivemos conhecimento de que tinha visitado o Acampamento Nacional Suíço. Pode dar-nos as suas impressões sobre essa grande actividade?

—De muito bom grado. As minhas impressões são as mais favoráveis; o escotismo suíço está realmente muito desenvolvido. Isto tive ocasião de verificar em Lugano, onde se realizou esse acampamento. Chegámos aí no dia 1 de Agosto. O campo estava magnìficamente organizado (o que já tinha acontecido com a reunião de Kandersteg) e nele tomavam parte cerca de 7.000 escoteiros suíços e algumas centenas de estrangeiros. Durante a estadia dos delegados no acampamento, efectuou-se a reunião do «Comité Internacional». No dia 1 de Agosto comemorou-se a Festa Nacional Suíça, com um grande desfile de todos os escoteiros acampados e ainda de ranchos folclóricos, que terminou no estádio local, efectuando-se então diversas exibições escotistas, acompanhadas por uma banda de música. O desfile foi presenciado pelo Presidente da Confederação Helvética.

—Enfim, — replicámos nós, — grandes manifestações de vitalidade escotista...

—Exactamente! Não quero contudo deixar de me referir ao convite, de sobremaneira honroso, do príncipe Manuel de Liechtenstein, actual escoteiro-chefe geral e comissário internacional do seu país, dirigido a mim e ao delegado da Itália, para visitarmos aquele principado, que, com muito prazer, aceitámos.

«Para terminar quero ainda dizer que, dentro dum ambiente de grande fraternidade, se efectuaram em Kandersteg dois jantares oferecidos pela Federação Escotista Suíça e pelo E. C. Glad Bincham, comissário internacional da Grã-Bretanha.

«De todas estas actividades guardo as melhores recordações. Tive a oportunidade de apreciar o valor do escotismo lá fora. Considero estas reuniões de grande interesse para os destinos deste Movimento, ao qual temos dado toda a nossa dedicação.

E com estas expressões de grande entusiasmo e optimismo do Sr. Eng.º Jorge Brotas Cardoso despedimo-nos e agradecemos a gentileza com que acedeu aos nossos desejos e a maneira cativante como prestou todos os esclarecimentos que solicitámos.

Agora resta esperar que no próximo ano, na Noruega, se confirmem e resolvam alguns dos problemas estudados nesta importante reunião.

JOEL RIBEIRO

Escoteiros de Portugal

SERVIÇOS CENTRAIS

Acaba de ser publicado o Boletim Oficial n.º 2/48, com a data de 15 de Agosto último, com o seguinte sumário:

1 — Norma: Escotismo e Religião.

2 — Fixa normas de Hierarquia Associativa e respectivas insígnias de cargo.

3 — Despachos do Presidente: Concede a Medalha de Mérito Escotista ao Corpo Nacional de Escutas e a Medalha de Agradecimento, Dedicação e Bons Serviços ao falecido Escoteiro Sénior Manuel de Sousa Coelho.
Nomeia o Tesoureiro Geral Adjunto.

4 — Ordem de Serviço Nacional n.º 4/48: Nomeia o Escoteiro-Chefe Adjunto da Região Centro. Fixa o Acampamento organizado pela Região Centro, comemorativo do 35.º aniversário da A. E. P.

5 — Comunicados: Publica o movimento da Caixa dos anos de 1947 e 1.º semestre de 1948. Actividade do Secretário das Relações Internacionais.
Tabela de Fornecimentos de artigos de expediente.

TESOURARIA GERAL

A fim de coadjuvar o trabalho confiado ao Tesoureiro-Geral foi nomeado Tesoureiro-Geral Adjunto o Sr. Dr. Carlos Cardoso Ribeiro.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.



COISAS DO NORTE

Acampamento Regional do Norte

O Escotismo no Norte está em franca actividade e progresso. Assim o demonstrou o acampamento realizado nos dias 28 e 29 de Agosto passado na Quinta do Andressen, gentilmente franqueada aos escoteiros para tal fim.

Durante a tarde, sob a orientação dos Chefes Regional e do Grupo 4, patrulhas instalaram o acampamento, chegando ao princípio da noite ao campo o grosso do efectivo da Região sob o comando do Chefe do Grupo 15.

À noite houve fogo de conselho e numa alegria enorme em que todos dão largas ao seu contentamento, surgiram as canções que tanto animam os fogos de conselho, as exortações do Chefe Regional, as histórias e palestras. Uma nota interessante, que deu ao acampamento um cunho de verdadeira fraternidade, foi a presença de um elemento da Mocidade Portuguesa que connosco acampou e do escoteiro francês Michel, dos «Scouts de France». Este último, rapaz duma vida extraordinária, logo se ligou perfeitamente aos seus camaradas portugueses, distinguindo-se sòmente pela fala e pela cor do uniforme, pois no brincar ou nos trabalhos não havia diferença.

Pouco depois das 24 horas o campo entrou no período de silêncio. Às 7 horas de Domingo tocou a alvorada e, após o cumprimento das normas da higiene e da ginástica, procedeu-se ao içar das Bandeiras Nacional, da Região e dos Grupos acampados.

Após o almoço, como o escoteiro prometeu por sua honra amar a Deus, cumpre os seus deveres para com o Senhor. Uns dirigiram-se à Igreja Paroquial de Lordelo do Ouro; outros à Igreja Evangélica de Lordelo, (Metodista). E, pouco depois, novamente no campo, como irmãos, satisfeitos pelo dever cumprido, iniciam os trabalhos do dia com evoluções, jogos e canções.

Depois do segundo almoço e do descanso obrigatório, realizaram-se exercícios de sinalagem, de saúde, pistas, jogos e, finalmente, a festa de campo, que decorreu num ambiente muito agradável, e com a presença de muitas visitas, entre as quais se contava grande número de senhoras.

Às 18 horas foram arreadas as bandeiras, sendo a bandeira da Região descida pelo nosso irmão Valverde, do C. N. E., que ali foi em companhia de sua gentil filha, D. Idalina Valverde, da Alcateia do Grupo 10 de S. Miguel, desta Associação.

Eram 19 horas, o coração da cidade era atravessado pela formatura que marchava ao som das suas «caixas», que prendiam a atenção de todos que ouviam o seu rufar. E, na Praça da República, grande centro para comemorações e paradas, perante uma multidão de curiosos que logo se juntou, os rapazes dispersaram para os respectivos Grupos, depois de terem saudado o seu Chefe Regional, Sr. Amadeu Cândido Braga.

ÁGUIA BRANCA

PUBLICAÇÕES

Estatutos da Federação Pernambucana de Escoteiros

De harmonia com a proposta n.º 2 apresentada na 5.ª Assembleia Estadual de Chefes Escoteiros, os Estatutos da Federação Pernambucana de Escoteiros foram alterados, tendo sido feita uma edição actualizada.

Agradecemos o exemplar oferecido.

CAMPISMO

II «Rallye» Internacional de Campismo

Uma das razões que nos faz acreditar na emancipação do Campismo Nacional é a representação no estrangeiro dos campistas da nossa terra.

De Inglaterra, regressaram há dias os três representantes da Federação Portuguesa de Campismo em Foots Cray (Kent), onde reuniu a Conferência Mundial.

São eles: Ribeiro da Fonseca (presidente), D. Maria Helena Ferrie de Oliveira (secretária) e César de Oliveira (presidente do Conselho Técnico).

Foram colegas de acampamento da deputação que representou o Clube de Campismo de Lisboa, com quem viveram inesquecíveis dias de alegre convívio, os campistas do mundo inteiro.

Os factos principais, como, o resumo da conferência, os fogos de acampamento, as excursões, etc., se o espaço nos permitir, relatá-las-emos nos próximos números do «*Sempre Pronto*», transmitidas directamente pelo presidente da representação, o nosso querido amigo Luís Ribeiro da Fonseca, do Núcleo Campista «Os Caracóis».

EFEMÉRIDES DO ESCOTISMO

As efemérides do Escotismo, publicadas no último número do nosso jornal, foram organizadas pelos serviços da nossa Redacção são de exclusiva responsabilidade do Director do «*Sempre Pronto*». Aliás, toda a colaboração que neste jornal se publique, e não seja subscrita, é sempre da responsabilidade do Director.

Em qualquer caso a organização do jornal é feita pelos nossos Serviços e nada poderá ser publicado sem o nosso acordo.

A DIRECÇÃO

Corpos Gerentes da F. P. C.

Conforme despacho da D. G. D., estão aprovados os Estatutos da Federação Campismo, bem como os seus Corpos Gerentes.

A Direcção é a seguinte: Luís Ribeiro da Fonseca (Os Caracóis, de Oeiras); Carlos Freire (Clube de Campismo de Lisboa); D. Helena Oliveira, idem; Augusto Coutinho (Estrela); Francisco Amado (C. C. L.); José Patrício Reis, idem; e Olímpio Brito (Montanheses).

A Assembleia Geral, o Conselho Fiscal e o Conselho Técnico, têm como presidentes os seguintes campistas, respectivamente: Joaquim Castro Lira (Porto); Carlos F. Garcia (Estrela) e César de Oliveira (C. C. L.).

CARLOS FERNANDO GARCIA

Manuel de Sousa Coelho

A Sr.ª D. Maria Luísa das Neves Sousa, mãe do nosso saudoso irmão-escoteiro Manuel de Sousa Coelho, escreve-nos pedindo que sejamos intérpretes da sua eterna gratidão aos Srs. Eng.º Jorge Jardim, Calhau e Eng.º Brotas Cardoso, bem como a todos os Escoteiros, Grupos e respectivos Chefes que se fizeram representar no funeral de seu filho ou que, por outra forma, se interessaram pelo falecido.

* * *

O Sr. Presidente dos Escoteiros de Portugal, em reconhecimento da dedicação ao Movimento e pelos serviços prestados até aos últimos momentos da sua vida pelo Escoteiro Manuel de Sousa Coelho, que bem pode, e deve, ser apresentado como exemplo e estímulo aos seus companheiros de ideal, concedeu-lhe a *medalha de Agradecimento, Dedicação e Bons Serviços, Classe Ouro*, como homenagem póstuma.

O "Sempre Pronto" em Vila Real de S.to António

Por motivo de se retirar para Lisboa, onde vem fixar residência, deixou de representar o nosso jornal nesta localidade o nosso estimado camarada Sr. Manuel Tacão Monteiro.

Pelos muitos e bons serviços que desde o início da publicação prestou ao *Sempre Pronto*», lhe estamos muito reconhecidos.

Aceitou, gentilmente, o encargo de nosso Agente-correspondente em Vila Real de Santo António, o nosso amigo Sr. José Manuel Pereira, cuja colaboração desde já agradecemos.

Caro Leitor:
Interessa-te o SEMPRE PRONTO?
Propaga-o entre os teus amigos.

N.º 11 — Outubro de 1948

O Mistério da Ilha Deserta

Folhetim do «Sempre Pronto» — Por R. K. E.

O misterioso desembarque

De meia em meia hora ambos os postos davam o sinal indicativo como prova de que estavam alerta. O luar iluminava agora toda a praia e prateava as águas do oceano, que vinham docemente morrer na areia. De repente surgiram na praia os dois vultos misteriosos. Pareciam aguardar a chegada da embarcação, o que vinha confirmar a conversa que o Júlio e o Raul ouviram.

Os dois escoteiros mantinham-se firmes no seu posto não perdendo de vista, um só momento sequer, aquela estreita língua de areia que constituía o único ponto onde era possível desembarcar naquele ilhéu, cuja restante costa era constituída por íngremes ravinas. Cada minuto parecia uma hora aos dois rapazes. Finalmente, por entre o negrume da noite, foi possível descobrir um ponto escuro avançado nas águas tranquilas do oceano. O Guia não pôde evitar uma exclamação que tanto poderia ser de alívio, como de satisfação. Que iria suceder?

A pouco e pouco aquele ponto escuro foi-se aproximando e tomando forma. Era uma canoa, deveria ser a mesma que de manhã tinha feito a estranha aparição na ilha, já quando o temporal amainava. Tinha atingido a areia. De dentro saltaram quatro indivíduos que encalharam o barco. Os dois suspeitos habitantes da ilha aproximaram-se então e, sem grandes trocas de palavras, tiveram todos pressa em descarregar a canoa. Esta transportava dois grandes caixotes e, assim que estes se achavam na areia, dois homens saltaram para dentro do barco, que os restantes empurraram para o mar, e a embarcação desapareceu mais depressa ainda do que chegou.

Os quatro que ficaram levantaram a custo os caixotes, que pareciam estar pesados, e levaram-nos na mesma direcção em que o Júlio e Raul tinham descoberto a pista do homem que naquela memorável manhã tinha ficado na praia, apesar de tal caminho ser dificílimo para o transporte dos caixotes.

O Guia e o Rui acompanharam toda esta operação cheios de curiosidade e espanto. Mal ela terminou pediram transmissão para o Chefe, que se encontrava do outro lado do mar, e receberam imediata resposta. Fizeram, então, um relato dos estranhos acontecimentos daquele dia. Não tiveram porém, tempo de terminar. Do acampamento vieram apitos de socorro. O Guia e o Rui desataram a correr e o mesmo fizeram o Sub-guia e o Júlio que estavam no Posto n.º 2.

O assalto à ilha

Esta súbita interrupção da mensagem surpreendeu o Chefe que aflito correu às autoridades marítimas a quem revelou os estranhos acontecimentos da ilha deserta. O Chefe da polícia marítima mandou aprontar duas canoas motorizadas e pediu ao Chefe dos Escoteiros que na primeira fizesse seguir uma nova patrulha de escoteiros que iria estabelecer contacto com os seus camaradas. Na segunda, seguiria uma força de polícia.

Poucos minutos passados, a canoa com outros oito escoteiros e o Chefe do Grupo sulcava velozmente as águas, seguida a pouca distância da canoa com a força de polícia fortemente armada. Assim que a canoa chegou à ilha os escoteiros saltaram e encobriram-se o mais possível entre a vegetação que limitava a praia.

O luar filtrado pela vegetação emprestava ao ambiente um cunho de mistério e a sombra das árvores pareciam vultos enormes que se precipitavam para os escoteiros. Estes, levando à frente o seu Chefe, avançavam cautelosamente azinhaga acima a caminho do acampamento. Chegados ali cercaram o campo, mas não havia qualquer sinal de vida. Por fim o Chefe entrou no acampamento e verificou com espanto que não se encontrava ali ninguém.

Retrocedeu, mandou que os rapazes o seguissem, e voltou à praia. Já ali se encontrava oculta a força de polícia, que informada da descoberta dos escoteiros, resolveu cercar a ilha. Por cada três polícias seguia um escoteiro para mensageiro e, já a madrugada rompia, quando a ilha estava rodeada por agentes da polícia marítima dispostos a deitar a mão aos bandidos que se abrigavam na ilha e que há bastante tempo eram procurados pelas autoridades, em virtude de assaltos e roubos que vinham cometendo no país.

Logo que a luz da alvorada tinha expulso as trevas que envolviam a ilha, o Chefe da Polícia deu ordem de apertar o cerco. Os escoteiros seguiam à frente, fazendo uso dos seus excepcionais conhecimentos da selva, espreitando aqui, deitando-se acolá. De repente um deles ouviu barulho. Avisou a polícia. Era ali o coito. A notícia foi transmitida e o cerco avançou de forma a ter o centro no esconderijo.

CONTINUA



«PIKY»

O seu primeiro acampamento

Mãe, irei à cidade de Burma,
que é uma cidade feliz.

O sol curioso e esplêndido, infiltrava-se por todas as janelas e por todas as fendas... Nada deixava de tocar com a linguinha ardente e luminosa. O sol banhava toda a cidade. E a cidade, com as suas ruas, jardins, fontes e parques, espojava-se mimosa e ufana sob a doirada carícia.

* * *

«Piky» tinha lido nos livros: «...porque Burma é um cidade feliz...» E a frase, redonda e maravilhosa como uma sementezinha, tinha permanecido dentro da cabecinha morena de «Piky». Tinha dormido com ele nas longas noites de inverno, na aparência tranquila e descuidada; mas eis que ao chegar a Primavera, irrompia alegre e ardente. Estalava como a cápsula duma flor aquela sementezinha de frase, atenta à chamada do grande amigo; o sol, curioso e esplêndido, todo o revolve e transtorna.

* * *

...«Porque Burma é um cidade feliz»...

Onde estava Burma? «Piky» sentia as pulsações do seu coraçãozinho, como o dum pássaro, sempre com a mesma pergunta. Onde estava Burma?

Indubitàvelmente, Burma estava entre vastas selvas, verdes e húmidas. Burma seria branca como a luz, e azul como a sombra... Burma, a de obscuros guerreiros de penacho brilhante e lança aguda. Burma, a cidade feliz... A possível pátria de Maugli e de Xiracã, o tigre... (1).

Nas águas de Burba beberiam ruidosamente a manada de elefantes selvagens. Nas noites de Burma...

Onde estava Burma?

* * *

«Piky» jogava ao berlinde com «Tody». E ainda que pareça bastante difícil, é muito possível estar a jogar ao berlinde, e estar a pensar em... por exemplo: em Burma. Assim é que o nosso Lobito conseguia sempre perder ao jogo.

—Ganhei «Piky», ganhei!—gritava a vozinha de «Tody», que entusiasmado, ria, ria, deixando ver um dentadura de sete anos, desdentada como a dum velhinho.

—Ganhei «Piky», ganhei!

(Ai adorada cidade de Burma! como chegar a ti?)

—Ganhei, ganhei «Piky»...!

—Pois ganha, «Tody»; ganha, porque eu não jogo!—E «Piky» foi sentar-se sob a nova verdura duma acácia florida. «Tody» seguia-o, cabisbaixo e resmungando.

—Porque não jogamos «Piky»?

—Porque quero ir a Burma.

(Burma! Ressoou o teu nome, como um tiro de pistolazinha infantil, no jardim silencioso. Burma!...)

* * *

Caía a tarde quando «Piky» começou o seu conto apaixonado e louco. Azulava a noite, quando os ouvidos assombrados de «Tody» acabaram de escutar a relação fantástica da maravilhosa cidade.

Burma! A de largos rios e límpidos areais, onde crocodilos escuros se estendiam ao sol. Burma! a das rochas avermelhadas, onde os arbustos silvestres suspendiam a imensidade da sua doçura.

—Estás certo «Piky»? Estás certo de que lá há elefantes, crocodilos e guerreiros...?

Não; «Piky» não estava muito certo disso. «Piky» só sabia que «ela» era uma cidade feliz que nalguma parte o estava esperando. Não importava não «ver a Burma com olhos; bastava tê-la «dentro» da cabeça».

O bom do «Tody» ainda perguntou mais alguma coisa, devido ao efeito nele causado pelas últimas palavras do seu amigo.

—Como ir a «ela», «Piky»?

À cidade feliz, seguramente se poderia ir pelo vento cálido e perfumado, como um enxame de brancas maríposas. Também poderia ser pela terra húmida e escura, como um bichinho... ou pelo mar; num barco de grandes e brancas velas.

* * *

—Di-lo-ei ao Velho Lobo—tinha dito «Tody». Dito e feito. Velho Lobo escutou da boquinha desdentada, o relato minucioso de todos os sonhos e anseios de «Piky». E quando acabou de o escutar, pôs-se a pensar em «Piky», o seu Lobinho um bocadinho mais que o ordinário; e depois pôs-se a sorrir bondosamente, generosamente.

* * *

«Piky» seguia corajosamente as botas cardadas do Velho Lobo. E embora já a noite começasse a retirar a sua sombra de cima deles, sentia-se feliz e contente como nunca. A viagem tinha sido algum tanto precipitada; mais deliciosa e bela como todo o imprevisto. E agora, quase no final da mesma, sentia «Piky» uns como intensos desejos de prolongamento daqueles seus momentos ditosos.

Através do bosque, deixando uma cautelosa esteira de silêncio no seu passo, «Piky» e Velho Lobo encaminhavam-se para «ela».

* * *

O acampamento de Lobitos, dormia já sob a Lua, branco e magnífico. Cada tenda, como um ramínho de narcisos, como um púdim de leite.

«Piky» deteve-se com o Velho Lobo à entrada do acampamento. «Piky» deteve-se com os olhos carregados de sono, de estrelas, de maravilhas... De repente sentiu-se levantado no ar pelos braços fortes de Velho Lobo, e metido por este numa daquelas tendas brancas, pelas quais o vento sussurrava docemente.

—Dorme, «Piky»; amanhã serás bem recebido.

Antes de fechar os olhinhos, ainda «Piky» divisou por entre a junta da porta de lona, a fogueira vermelha do acampamento, em redor do qual velavam... —Velhos Lobos? —Os guerreiros, os guerreiros...! Enfim!

Uma felicidade incomensurável invadiu «Piky». Já sabia onde se encontrava; estava na sua querida, adorada e sonhada cidade de Burma.

LORETO AZPEITIA L. DE AYALA

Trad. do Espanhol de *Lídia de Medeiros.*

(1) Personagens de «O Livro da Selva», de Rudyar Kipling.

À venda na Redacção do «Sempre Pronto»

AJURI, n.os 13, 14, 15 e 16

—Antiga revista escotista brasileira—

Cada exemplar Esc. 1$00

Pelo correio acresce o porte